

ENSINO DO ESPANHOL PELA PERSPECTIVA DA ATIVIDADE TRADUTÓRIA

José Marcelo Freitas de Luna¹
Rodrigo Schaefer²

RESUMO

Neste artigo, tendo como objeto as letras de música, evidenciamos as seguintes perguntas: é possível traduzir a letra da canção literalmente? Há possibilidade de traduzir a letra da música ao português, mantendo a fidelidade do texto original, sem fazer uso da tradução livre, e empregar estratégias na intenção de manter a fidelidade do texto da língua fonte? Como a análise realizada, constata-se a possibilidade de tradução da letra da música ao português, mantendo a fidelidade do texto da língua fonte.

Palavras-chave: tradução, tradução literal x tradução livre, tradução de letra de música, tradução no ensino de espanhol.

Introdução

A atividade tradutória vem sendo praticada ao longo da história. A primeira tradução oficial de que se tem notícia aconteceu no ano de 146, em Roma, quando o cartaginês Magão traduziu o ‘tratado de agricultura’. Já no século I antes de Cristo, o romano Cícero traduziu os Discursos de Demóstenes. Nesse trabalho, Cícero demonstra a preocupação quanto à fidelidade da tradução, ou seja, a originalidade da mensagem da língua fonte em relação à língua alvo. A datar da Idade Média, os jesuítas esforçavam-se

¹ Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Educação da Universidade do Vale do Itajaí, com publicações nas áreas de Linguística e Educação. Doutorado em Linguística pela Universidade de São Paulo (1999) e pós-doutorado, entre 2010 e 2011, na Universidade do Texas em Austin (Estados Unidos). E-mail: mluna@univali.br

² Graduado em Letras (Inglês, Espanhol e Português). Mestre em Educação – Univali. Doutorando em Inglês – UFSC. E-mail: rodrigochafer2@gmail.com.

para catequizar os índios que habitavam as terras brasileiras e, para tanto, precisavam conhecer as línguas indígenas.

Talvez pela motivação para com o seu uso ao longo do tempo, a palavra tradução vem sendo objeto de muitas definições. No dicionário, a palavra “tradução” remete, basicamente, ao ato de traduzir enunciados de uma língua para outra. Segundo Campos (1986, p.7), traduzir é “[...] fazer passar, de uma língua para outra, um texto escrito na primeira delas”. O mesmo autor explica que a tradução “enquanto ato, concerne ao tempo despendido que o tradutor emprega no seu trabalho; e, como efeito, é o que resulta desse trabalho” (CAMPOS, 1986, p.7). Frota (1999), por sua vez, explica que a tradução invariavelmente se constitui como um ato de *reescritura* do texto original, a qual está estritamente associada a fatores linguísticos e, de igual modo, aos efeitos que podem repercutir no contexto cultural da língua de chegada. Igualmente oportuno, Ladmiral concebe a tradução como:

[...] um caso particular de convergência linguística: no sentido mais amplo, ela designa qualquer forma de ‘mediação interlinguística’ que permita transmitir informação entre locutores de línguas diferentes. A tradução faz passar uma mensagem de uma língua de partida (LP), ou língua-fonte, para uma língua de chegada (LC), ou língua-alvo. (1979, p.15).

Tomando-se as definições da atividade, podemos afirmar que os estudos científicos referentes à tradução são relativamente recentes e que, como ocorre em ciência, há muito tempo têm gerado muita discussão, divergência e posicionamentos os quais parecem perdurar. Por exemplo, a tão conhecida indagação sobre as duas possibilidades de tradução, a saber, a literal e a livre, ainda se mantém. Semelhantemente, a respeito das diversas teorias no que concerne às explicações de determinados fenômenos tradutórios:

ainda não existe [...] um conjunto coerente de proposições gerais usadas como princípios para explicar uma classe de fenômenos”, mas existem algumas “teorias” no sentido de “um conjunto de princípios úteis para compreender a natureza da tradução ou para estabelecer critérios de avaliação de um texto reduzido. (NIDA, 1993, p.155 apud SOUZA, 1998, p.55).

A possibilidade ou não de traduzir um texto de uma língua fonte para uma língua alvo sempre trouxe à comunidade científica fervorosas discussões. Alguns autores são totalmente contrários à prática tradutória enquanto que outros, por sua vez, afirmam que ela é possível. Há aqueles que defendem que a fidelidade da tradução – a literal – é possível, ao passo que outros afirmam que a tradução deve ser interpretativa, ou seja, o tradutor deve interpretar o texto e adaptá-lo ao contexto cultural da língua alvo. Inclusive, a definição da palavra tradução apresenta vários significados. Segundo Souza (1998, p.51), “O próprio termo *tradução* é polissêmico e pode significar (a) o produto (ou seja, o texto traduzido; (b) o processo do ato tradutório; (c) o ofício (a atividade de traduzir); ou (d) a disciplina (o estudo interdisciplinar e/ou autônomo))”.

A atividade tradutória prova ser igualmente geradora de embates quando o objeto é a tipologia das línguas. A propósito, o fato de a língua portuguesa e a língua espanhola serem semelhantes em aspectos como gramática, fonética, estrutura e léxico costuma determinar a crença de que o conhecimento da língua estrangeira e da materna é suficiente. Não se considera, assim, que é extremamente necessário possuir conhecimento teórico e prático de tradução, ou seja, ter tido preparo prévio para desempenhar de modo satisfatório essa função. Além de dominar os dois idiomas, sabe-se, pelo conhecimento advindo da teoria e da prática tradutórias, que se valorizam o conhecimento do público para o qual o texto é destinado (língua alvo) e a ciência sobre o contexto cultural a qual determinado público está inserido. Igualmente valorizada é a consideração sobre o contexto cultural e linguístico da língua de partida.

Quando nos referimos a traduções de letras de músicas, percebemos a existência de fatores que podem dificultar o trabalho do tradutor, tais como ritmo, harmonia e contexto cultural. Muitas das vezes, esses e outros aspectos não se adaptam nem à língua de chegada nem ao seu contexto cultural. À vista disso, o texto de chegada pode apresentar problemas de traduções, como, por exemplo, desvinculação ao conteúdo da letra da música da língua de partida.

Motivados pelo embate geral em torno dos tipos de tradução, e, particularmente, pelo desafio da atividade com letras de música, estabelecemos como objetivo deste artigo o de discutir a tradução literal, ou seja, a tradução integral de todas as palavras e expressões

da língua fonte, e a tradução livre, aquela que privilegia antes o sentido do que a forma. Para tanto, analisamos a tradução ao português de uma canção tradicional da língua espanhola, a mexicana La Bruja (ver Anexo 1 sobre a tradução integral) de Salma Hayek. O objetivo será perseguido com as seguintes perguntas: é possível traduzir a letra da canção literalmente? Há possibilidade de traduzir a letra da música ao português, mantendo a fidelidade do texto de saída, sem fazer uso da tradução livre, e empregar estratégias na intenção de manter a fidelidade do texto da língua fonte?

As respostas a essas perguntas evidenciam a perspectiva da atividade tradutória para o ensino de línguas. Semelhantemente às inquietações sobre a definição do sentido de tradução, discussões sobre a inserção da prática tradutória no ensino de língua conferem à área manifestações contrárias. Não obstante os vários embates, assim como críticas veementes, não podemos preterir a noção de que a tradução como instrumento didático no ensino de línguas se caracterizou como um dos métodos de ensino de línguas preponderantes até meados da década de 1960. Delisle (2005) advoga que a tradução didática compreende a transferência interlinguística resultante da atividade que orienta a atividade educativa e que tem por finalidade a aprendizagem de outras línguas. De igual maneira, defendendo o uso da tradução como ferramenta pedagógica, Hernández (1996) explicita que o aprendiz de línguas estrangeiras não é como uma *tabula rasa*. Em outras palavras, as palavras do autor nos leva a inferir que o aprendiz de uma língua estrangeira já possui uma língua internalizada, ordinalmente a materna. Por conseguinte, o aprendiz traz consigo experiências prévias proporcionadas por outras situações de aprendizagens que manteve ao longo dos anos. No presente estudo, comungamos do pensamento de Hernández (1996), para quem a tradução diz respeito a “uma atividade didática cujo objetivo é o aperfeiçoamento da língua terminal através da manipulação de textos, análise contrastiva e reflexão consciente” (p.249). (Tradução nossa).

Ao longo deste trabalho, utilizando-se do referencial teórico, qual seja, o de tradução literal x tradução livre, e definições do significado da palavra *tradução*, o qual sustenta aspectos relacionados ao propósito deste trabalho, serão analisados trechos traduzidos do espanhol ao português da canção já referida. A atenção se voltará exclusivamente ao conteúdo da letra da canção, e não haverá preocupação com a rima ou

harmonia, por assim dizer. No entanto, em algumas partes e como será possível constatar, é imprescindível a adoção de recursos nos casos mais complexos de tradução, como, por exemplo, notas de rodapé, estratégia escolhida para este artigo.

A hipótese que conduz este trabalho diz respeito à possibilidade de tradução literal da música *La Bruja*, evidenciando a fidelidade de seu significado, em razão de algumas sentenças seguirem a mesma estrutura da língua portuguesa, e as palavras em espanhol, portanto, disporem em muitos casos da mesma carga semântica que as em português. Contudo, nas sentenças nas quais surgirem situações complexas de tradução, tais como palavras que pertencem exclusivamente ao contexto cultural mexicano ou ao conteúdo da própria música, como também para casos gramaticais os quais se diferenciam nas duas línguas em foco, acrescentaremos informações ao texto de chegada, como notas de rodapé, por exemplo, para que o leitor compreenda o significado procedente da língua de saída.

Ainda sobre os fundamentos

A tradução, praticada há mais de dois mil anos, consiste basicamente em interpretar o sentido de um texto da língua fonte (LF) e reproduzi-lo num texto em língua alvo (LA), assegurando seu sentido equivalente. Dito de outra forma, tradução significa passar o significado de um texto de uma língua específica, com suas respectivas peculiaridades - aspectos estruturais, culturais e gramaticais - para uma segunda língua, que apresenta aspectos estruturais, gramaticais e culturais distintos.

No decorrer da história, percebemos que se discutiu muito sobre tradução. Há um ditado italiano muito conhecido que descreve o seguinte: “traduttore, traditore”. Esta expressão sugere que o tradutor trai a originalidade do conteúdo de um texto. Além disso, algumas discussões parecem perdurar, como aquela relacionada aos dois tipos de tradução: a literal e a livre. Para Souza (1998, p.52), “ao conceito de tradução literal está associada a ideia de tradução fiel, neutra, objetiva, e ao de tradução livre, a ideia de tradução infiel, parcial, subjetiva”.

Compreendemos que alguns autores privilegiam a tradução livre, à medida que outros dão preferência à tradução literal. São Jerônimo, por exemplo, considerado o padroeiro dos tradutores, traduziu a Bíblia para o latim, trabalho este conhecido como

Vulgata. Ele preferiu a tradução livre, ou do sentido, à tradução literal. O resultado da Vulgata foi aparentemente bem aceito, e responsável pela unidade e solidificação do Cristianismo. Séculos mais tarde, Martinho Lutero, ao traduzir a Bíblia para o alemão, optou igualmente pela tradução livre; logo, seguiu os passos de São Jerônimo. Um exemplo de tradução literal é a do Codex Arundel 263 (B.M.) 155 r., de Leonardo da Vinci, obra que discorre a respeito do desejo de conhecer, próprio do ser humano. Foi traduzida do italiano para o inglês por Ronald D. Farrar, considerada uma tradução fidelíssima, a despeito de alterações terem sido feitas na intenção de manter a originalidade do texto em italiano.

Vemos também que muitos tradutores de poesias elegem a tradução de sentido ou livre, pois, de acordo com alguns autores, por se configurar como tradução de um conteúdo artístico, a tradução literal se tornaria inviável, uma vez que o tradutor deveria interpretar o conteúdo do texto poético e transladá-lo à língua alvo, preocupando-se em manter a fidelidade da versão original. Sobre essa discussão, Basil e Ian (1990) explicam que a atividade de se traduzir um texto poético pode trazer à tona debates muito antigos. Segundo o mesmo autor, repetem-se as mesmas discussões ao longo dos anos, porém não se chega a uma possível solução.

No que se refere à tradução de textos de um modo geral, devemos ter em mente que o leitor do texto original e o leitor do texto de partida pertencem a contextos culturais e linguísticos distintos. Por isso, o tradutor deve ter consciência de que o texto de chegada deve apresentar a mesma carga semântica que o texto de saída. Desse ponto de vista, o tradutor precisa manter a fidelidade do texto de saída. Isso não significa afirmar que não se possa mudar, a título de exemplo, a estrutura do texto de chegada. A tarefa do tradutor se constitui no emprego das devidas adaptações para que o texto traduzido tenha no leitor do texto de chegada o mesmo impacto que teve no de saída, considerando, igualmente, o contexto cultural no qual estão inseridos os leitores da língua de chegada. Sobre isso, Reiss e Vermeer (1984) afirmam que uma transferência linguística não se limita a tratar fenômenos linguísticos formais, mas implica um processo de transferência cultural que, portanto, inclui a transferência linguística. (Tradução nossa).

O tradutor tem diante de si dois tipos de tradução. De acordo com Souza (1998, p.52) “não se pode negar, portanto, que haja, sob essa perspectiva, dois tipos válidos de

tradução: (a) tradução literal, centrada mais na forma e (b) tradução livre, centrada mais no sentido (nas ideias ou nos conceitos)”. Ou seja, o tradutor tem a seu dispor a possibilidade de escolher um dos dois tipos de tradução supracitados, sem desmerecer, no entanto, o outro tipo. Já Campos (1986, p.31) diz que há “[...] a tradução “integral”, na qual se traduzem todos os itens, todas as palavras e expressões, do original; e a tradução “parcial”, na qual deixam de ser traduzidas algumas partes do texto de origem”.

Diante da dicotomia “tradução literal e livre”, surge a seguinte indagação: a tradução é possível? Para alguns teóricos assim o é, conquanto haja quem a negue redondamente. Alguns dos estudiosos contra a ideia de que um texto é passível de tradução interlingual asseguram que cada língua possui suas especificidades, e, por conseguinte, somente por meio da mesma língua, da original, é que se pode compreender a mensagem de um texto. Esta afirmação sugere que os códigos inerentes a uma língua em particular são intraduzíveis.

Em que pese toda a discussão concernente à intraduzibilidade de um texto a outro idioma, conforme já dizemos, é fato que a tradução é praticada há muito tempo. Atualmente, devido à aproximação das nações e o avanço das novas tecnologias, a tradução é deveras necessária. Devemos ter em mente que toda tentativa de comunicação é, por natureza, imperfeita, assim como a tradução intralingual, é dizer, a utilização de signos linguísticos de uma língua para explicar um fenômeno da mesma língua. Essa assertiva nos leva a crer que a tradução interlingual, de um idioma a outro, também é imperfeita e limitada, porém possível.

No ato tradutório, o tradutor se incumbe de adaptar a mensagem escrita do texto original para a língua de chegada. De acordo com Coulthard (1991, p.5) “[...] um verdadeiro re-escritor deveria representar a mensagem na forma apropriada da cultura dominante para que a mesma mensagem tivesse chance máxima de ser bem aceita”. Ao tradutor é conferida a tarefa de garantir que a mensagem traduzida à língua alvo mantenha o mesmo tom de originalidade da língua fonte. Entretanto, o tradutor deve preocupar-se para que sua tradução ofereça ao leitor as informações necessárias para compreensão do conteúdo, do contrário, a intenção do autor original pode se tornar inacessível. Do mesmo modo, para exemplificar a possibilidade da tradução, Tarallo (1991) afirma que “[...] o ato

tradutório coloca-se no plano da equivalência; o processo de fazer equivalerem dois sistemas linguísticos diferentes de maneira a se incorrer em um mínimo de perda de informação” (p.34).

Não podemos nos esquecer também de que “cada tradutor é único em sua prática e teoria; cada texto é singular em seu motivo e criação e em seu escopo de abrangência (TARALLO, 1991, p. 35). Essa asserção explica que a influência do tradutor no processo tradutório da língua de chegada é inevitável, dado que o tradutor deve perceber para quem se traduz (público), o objetivo que se dá para determinada tradução, para que época se traduz, entre outras características. O tradutor precisa ser competente o suficiente para assegurar o mesmo grau de equivalência entre as duas línguas as quais representam carga semântica distinta ou, na melhor das hipóteses, similar.

O que vimos discutindo até agora é, essencialmente, a existência de dois tipos de tradução – a literal e a livre – e que diante do tradutor reside a possibilidade de escolha de uma delas, tomando o cuidado de afiançar o tom de originalidade do texto da língua fonte. Mas, se nos perguntássemos se a tradução pode ou não ter a colaboração do tradutor, o que responderíamos? A propósito, Silveira (1954) explica que: “o tradutor não tem o direito de “colaborar” em textos alheios. O que poderia ser feito – o que os tradutores esclarecidos em geral fazem – seria colocar uma nota (*foot note*) ao pé da página, chamando a atenção do leitor para o episódio conhecido [...]” (p.27).

Sabemos que quanto mais as línguas diferem entre si, mais laborioso será o processo tradutório. Por exemplo, características referentes à estrutura, gramática e semântica das línguas espanhol e português são bastante similares, por serem ambas de origem latina. Por outro lado, o inglês e português apresentam diferenças prodigiosas, em razão de serem de origens distintas. Por isso, cabe ao tradutor fazer o uso adequado da tradução, dependendo do texto e dos pares de idiomas em questão. Essa percepção permite afirmar, conforme já citado por Brenno (1954), que o texto traduzido deve manter a originalidade, ou seja, o tradutor deve certificar o conteúdo original do texto de partida. No entanto, isso não impede que o tradutor utilize determinadas estratégias, tais como nota de rodapé, no intuito de garantir o entendimento por parte do leitor quando aparecer no texto de partida situações consideradas “intraduzíveis”.

Consoante à afirmação de Brenno (1954), em favor da originalidade do texto na tradução, duas características são essenciais para um bom tradutor, quais sejam: fidelidade e humildade intelectual, pois:

a sua tarefa é simplesmente esta: passar para a sua língua, da maneira mais fiel possível, tudo o que está escrito no original. Não tem o direito de alterar, modificar, omitir ou acrescentar coisa alguma. O livro, na tradução, tem de ser o que o livro seria se o autor dispusesse de algum meio mágico que lhe permitisse escrevê-lo, simultaneamente, identicamente, em dois idiomas. (SILVEIRA, 1954, p.8).

A fundamentação aqui feita permite-nos empreender a parte prática deste trabalho, qual seja, a análise da tradução da música. Isso será feito para discutir a tradução literal, ou seja, a tradução integral de todas as palavras e expressões da língua fonte, e a tradução livre, aquela que privilegia antes o sentido do que a forma. Convém também afirmar que as frases foram selecionadas pelos autores de acordo com a necessidade de discussão relativa a aspectos linguísticos específicos das duas línguas em questão: gramaticais, estruturais e lexicais. Afirmamos, ainda, que, orientados pela dimensão aplicada deste trabalho, aplicamos a análise contrastiva para a estrutura e o funcionamento do fenômeno linguístico.

Agora, a análise

Como já anunciado, para o presente estudo, utilizamos a letra da música tanto em espanhol como em português, para, de forma analógica, analisar as ocorrências particulares necessárias para a finalidade dessa investigação. Será possível perceber que haverá discussão sobre tais casos particulares, e em alguns casos por meio de sugestões de como se poderia proceder em situações análogas.

Abaixo segue a letra da canção La Bruja, interpretada por Salma Hayek:

¡Ay qué bonito es volar!	En los brazos de tu
A las dos de la mañana	hermana
A las dos de la mañana	En los brazos de tu
Y ¡ay qué bonito es volar!,	hermana
ay mamá.	Y hasta quisiera llorar
Volar y dejarse caer	Me agarra la bruja,

Me lleva al cuartel,
Me vuelve maceta,
Me da de comer

Me agarra la bruja,
Me lleva al cerrito,
Me sienta en sus piernas,
Me da de besitos.

¿Ay dígame ay dígame ay
dígame usted
¿Cuántas criaturitas se ha
chupado usted?
Ninguna, ninguna, ninguna
no ve
Que ando en pretensiones
de chuparme a usted

Y ahora sí maldita bruja
Ya te chupastes a mi hijo
Ya te chupastes a mi hijo
Y ahora sí maldita bruja

Y ahora le vas a chupar
Y a tu marido el ombligo
Y a tu marido el ombligo
Y ahora le vas a chupar

Me agarra la bruja,
Me lleva a su casa,
Me vuelve maceta,
Y una calabaza

Me agarra la bruja,
Me lleve al cerrito,
Me sienta en sus piernas,
Me da de besitos

Ay dígame ay dígame ay
dígame usted
¿Cuántas criaturitas se ha
chupado usted?
Ninguna, ninguna, ninguna
no ve
Que ando en pretensiones
de chuparme a usted

Ao traduzir a letra da música, percebíamos que sua tradução literal, no que se refere a aspectos gramaticais, vocabulário e estrutural, era, na sua maior parte, compreensível e possível em português. Em algumas situações, porém, a frase na língua de chegada não se mostrava ser tão compreensível. Para exemplificar, quando a cantora diz “me vuelve maceta”, sabe-se que um dos significados para “maceta” é “vaso de flor”. Ora, qual a relação entre “vaso” e o conteúdo da música? Assim, averiguamos minuciosamente todas as interpretações que surgiam até defrontarmos com a seguinte constatação: o conteúdo da música expresso é majoritariamente de cunho sexual. Num primeiro momento, acreditamos que existisse referência literal às bruxas. Entretanto, ao observar criteriosamente os elementos exibidos no conteúdo, apercebemo-nos de que seu significado está intrinsecamente conexo a um contexto sexual. O próprio título da música (La bruja) permite traduzir “bruja” por “vagabunda”, por exemplo.

Analisaremos, portanto, à luz do conteúdo teórico apresentado precedentemente, sempre que indispensável, alguns trechos da música os quais devem ser explicitados, a fim de satisfazer o objetivo desta pesquisa.

Começaremos bem no início da música: “1 - ¡Ay qué bonito es volar!”. Traduzimos esta frase por “Ah, como é bonito voar!”, ou seja, alterei “qué bonito” por “como é bonito”, visto que soa mais natural para o falante de língua portuguesa. Tomamos essa iniciativa porque, de acordo com Silveira (1954), a tarefa do tradutor é de “[...] passar para a sua língua, da maneira mais fiel possível, tudo o que está escrito no original” (p.8). Porém, se traduzíssemos *ipsis litteris* a sentença, é possível que ao leitor lhe parecesse estranho: “ah, que bonito é voar”. Mesmo assim, percebe-se que a tradução é literal, e não livre, o que, talvez, distanciasse o sentido original da frase.

A seguinte frase que gostaríamos de elencar é a seguinte: “Volar y dejarse caer”, traduzida em português para “voar e se deixar cair”. A gramática normativa da língua espanhola não admite que o pronome oblíquo seja anteposto a um verbo no infinitivo. No entanto, em português, a construção contendo o pronome oblíquo antes do infinitivo é aceitável e, além do mais, em razão de a canção “La Bruja” ser tradicional e pertencer a um conteúdo claramente informal, optamos por posicionar o pronome “se” antes do verbo “deixar”, o qual está na sua forma nominal infinitiva. Notamos que neste trecho a tradução literal foi possível.

Deste modo, ao trabalhar com uma música com aprendizes de língua espanhola em que emergem situações similares às descritas nos parágrafos anteriores, poderíamos proceder com base numa perspectiva contrastiva, em concordância com o que lemos em Hernández (1996). Assim, podemos evidenciar que as duas línguas, malgrado as semelhanças no tocante a diversos aspectos, valem-se de características as quais definem sobremaneira cada uma delas. Portanto, é válido observar que comparar elementos das duas línguas com os aprendizes não isenta o compromisso de manter a fidelidade do texto de origem. Por outro lado, adaptamo-lo em conformidade às normas de funcionamento linguístico assim como ao contexto da língua alvo – português.

O trecho “en los brazos de tu hermana” traduzimos por “nos braços de sua irmã”. Antes de tudo, é interessante mencionar que “hermana”, na música, refere-se a uma mulher

com quem se resolve manter relação sexual, e não à irmã, literalmente. Destarte, seria prudente que o tradutor inserisse nota de rodapé para explicar o real significado, tal como sugere Silveira (1954): “o tradutor não tem o direito de “colaborar” em textos alheios. O que poderia ser feito – o que os tradutores esclarecidos em geral fazem – seria colocar uma nota (*foot note*) ao pé da página, chamando a atenção do leitor para o episódio conhecido [...]” (p.27). Imagine o leitor se traduzíssemos “hermana” por “mulher” ou ainda, por “vagabunda”. Neste caso, segundo Silveira (1954), o tradutor “estaria colaborando com textos alheios”, algo que o tradutor não poderia fazer, uma vez que a tarefa do tradutor é manter a originalidade do texto da língua fonte.

Na mesma lógica do parágrafo anterior, na frase “me vuelve maceta”, a frase foi traduzida literalmente por “me faz vaso”. A frase não faria sentido se traduzida literalmente, por isso a importância do tradutor em contextualizar, utilizando estratégias para que a ideia seja compreensível. Neste caso, “maceta” faz referência ao órgão genital feminino.

Na mesma frase “en los brazos de tu hermana”, trocamos o pronome possessivo de segunda pessoa *tu* por um pronome possessivo de terceira pessoa – sua – pois, se mantivéssemos a segunda pessoa na tradução (tua), talvez esse uso pudesse parecer incomum para algumas localidades do Brasil. A mesma situação se aplica para alunos aprendizes de língua espanhola como língua estrangeira.

A frase “y hasta quisiera llorar” resultou em “e até queria chorar”. Como pode-se perceber, modificamos os tempos verbais em relação a tempo e modo verbal, ou seja, do pretérito imperfeito do subjuntivo, na língua espanhola - para o pretérito imperfeito do indicativo, em português. Se resolvéssemos traduzir a mesma frase por “e até quisesse chorar”, não haveria equivalência de tradução do espanhol para o português, pois na nossa língua não dizemos “e quisesse chorar”. No entanto, na língua espanhola é muito comum o emprego deste tempo verbal em construções desta natureza.

Na próxima frase a ser analisada há inversão de sujeito x complemento, uso bastante corrente em espanhol: “Me agarra la bruja” por “a bruxa me agarra”. Preferimos anteceder o sujeito desde que, de outro modo, o enunciado em português poderia não apresentar naturalidade para muitos falantes do Brasil.

Conforme podemos depreender da análise acima, manifestam-se situações particulares das línguas em foco em que a tradução *ipsis litteris* pode não ser a escolha mais conveniente. Eventos como esses em sala de aula poderiam abrir espaço para a utilização de dicionários. Assim sendo, os dicionários, tanto monolíngues como bilíngues – na versão online ou impresso, os chamados convencionais – podem servir como um recurso para busca e reflexão referente a um determinado léxico. Eventuais falsos cognatos também podem assinalar razões para os alunos se posicionarem diante do significado das palavras em ambas as línguas. Com isso, não estamos dizendo que os aprendizes devem continuamente recorrer ao dicionário ao depararem com palavras desconhecidas, posto que há recursos outros os quais podem fazer parte do planejamento das aulas. Além das definições trazidas pelos dicionários, os aprendizes podem observar regras sintáticas, morfológicas, recursos semânticos e pragmáticos, na intenção de se avaliarem diversas possibilidades para uma efetiva compreensão acerca de um determinado vocábulo.

Fundamentado na revisão teórica, compreende-se que houve preocupação em conservar a fidelidade do texto original do conteúdo da música, sem, logo, desviar o tom de originalidade do texto da língua fonte. Em algumas circunstâncias, utilizamo-nos de estratégias para explicitar o conteúdo original, mas sem desrespeitar a ideia do texto da língua espanhola. De acordo com o que vimos na revisão da literatura, Coulthard (1991, p.5) explica que “[...] um verdadeiro re-escritor deveria representar a mensagem na forma apropriada da cultura dominante para que a mesma mensagem tivesse chance máxima de ser bem aceita”. O exercício que realizamos na análise foi o de garantir o tom de originalidade do texto de saída, observando o cuidado de manter a fidelidade do texto.

Com base na análise da letra da música, cuidamos de considerar tanto os componentes linguísticos da língua em foco como o contexto mais amplo a que o conteúdo da música está inserido. Dito de outra forma, vimos que a interpretação do signo linguístico esteve fortemente determinada pelo contexto sociocultural a que pertencem. Destarte, conforme as palavras de Hernández (1996), ao se introduzir a tradução como instrumento pedagógico no ensino de línguas, devemos ter em mente que o processo tradutório requer compreensão e análise, “em que é preciso ir além de uma simples leitura do texto” (p.251). (Tradução nossa). Outro ponto importante defendido por Hernández (1996) é o enfoque

interpretativo, isto é, a possibilidade de reconstruir o texto na língua de chegada e, conforme já dissemos, sempre conforme ao contexto sociocultural das línguas em questão.

Considerações finais

Ao discutir a tradução literal, ou seja, a tradução integral de todas as palavras e expressões da língua fonte, e a tradução livre, aquela que privilegia antes o sentido do que a forma, visamos ao embate da dicotomia dos estudos teórico-práticos da tradução como às respectivas implicações para a sala de aula de línguas.

A realização deste trabalho permitiu analisar a tradução ao português da música tradicional mexicana La Bruja. O objetivo foi de traduzi-la literalmente, de forma a conservar o tom de originalidade do texto. No entanto, nas ocasiões devidas, foi preciso acrescentar ao leitor informações – notas de rodapé – os quais possibilitaram um melhor entendimento do texto traduzido.

Como foi mencionado na introdução desta pesquisa, pretendíamos responder a seguinte indagação: é possível traduzir a letra dessa canção literalmente? Após a análise da tradução da canção, constatamos que foi possível, ou seja, conseguimos traduzir a letra da música ao português, mantendo a fidelidade do texto da língua fonte, sem fazer uso da tradução livre. No entanto, foi indispensável, em algumas situações, empregar determinadas estratégias com o objetivo de manter a fidelidade do texto da língua de saída.

Verificamos também que atendemos a um dos outros objetivos: discutir a respeito da diferença entre dois tipos de tradução: a literal e a livre. Por conseguinte, ratificamos que esse e outros conteúdos teóricos, como um pouco da história da tradução e as atitudes do bom tradutor, deram subsídio à investigação da tradução da música.

Ao realizarmos a pesquisa da qual se deriva este trabalho, não defendemos o ensino de línguas, de espanhol ou de português, pelo uso exclusivo da tradução. De fato, concebemos a formação e a atuação docentes pelo ecletismo, entendido como uma forma de liberdade e de flexibilidade para ajustar as estratégias e os recursos de ensino e de aprendizagem aos respectivos objetivos. Como o ecletismo não pode ser considerado como ausência de metodológica, guiamo-nos por princípios, todos assentados na linguística e na psicologia. Essas considerações levam-nos a fazer referência às palavras de Kelly, em seu

clássico de 1969, *25 Centuries of Language Teaching*. Para o autor, os princípios teóricos disponíveis para o ensino de línguas não sofreram mudanças significativas ao longo de toda história. As aparentes mudanças dizem respeito aos meios e recursos usados, a partir dos princípios, para a definição de métodos. Neste artigo, pensamos ter apresentado e discutido uma prática fundamentada, para o ensino de português e do espanhol, que transcende a dimensão espacial e temporal.

Referências

BASIL, H; IAN, M. *Teoría de la traducción: una aproximación al discurso*. Barcelona, Editorial Ariel, S.A, p. 24, 1990.

CAMPOS, G. *O que é tradução*. São Paulo: Editora Brasiliense S.A, 1986.

COUTHARD, M. A tradução e seus problemas. In: COUTHARD, M; CALDAS-COUTHARD, C. R. *Tradução: Teoria e Prática*. Editora da UFSC: Florianópolis, 1991.

DELISLE, Jean. *L'enseignement pratique de la traduction, Beyrouth/Ottawa: Sources-Cibles/Les Presses de l'Université d'Ottaw*, 2005.

FROTA, Maria Paula. Por Uma Redefinição de *Subjetividade* nos Estudos da Tradução. In: Martins, Márcia A. P. (org). *Tradução e Multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Lucerna, p.52-70, 1999.

HERNÁNDEZ, M. Rosario. La traducción pedagógica en la clase de ELE. *Actas VII*, 1996.

KATHARINA, R; VERMEER, H. J. *Fundamentos para uma teoria funcional da tradução*. Madrid, Ediciones Akal, p.109, 1984.

LADMIRAL, Jean-René. *Tradução – Teoremas para a tradução*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1979.

SILVEIRA, B. *A Arte de traduzir*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1954.

SOUZA, J.P. Teorias da tradução: uma visão integrada. *Revista de Letras*, Ceará, v. 1/2, n. 20, p. 51-67, jan./dez, 1998.

TARALLO, F. Aspectos sociolingüísticos da tradução. In: COUTHARD, M; CALDAS-COUTHARD, C. R. *Tradução: Teoria e Prática*. Editora da UFSC: Florianópolis, 1991.

ENSEÑAMIENTO DE L'ESPAGNOL PAR LA PERSPECTIVE DE LA ACTIVITÉ DE LA TRADUCTION

RÉSUMÉ

Dans cet article, ayant comme objet les paroles de musique, les questions suivantes ont été formulées: est-il possible de traduire littéralement les paroles de la musique? Es-ce qu'il est possible de traduire les paroles vers le portugais, en gardant l'intégrité du texte source, sans faire usage de la traduction libre, et employer des stratégies dans le but de maintenir la fidélité du texte de la langue source? Dans l'analyse effectuée, il a été constaté la possibilité de traduire les paroles vers le portugais, en maintenant la fidélité de la langue source du texte.

Mots-clés: traduction, traduction littérale x traduction libre, traduction de paroles de musique, traduction dans l'enseignement de l'espagnol.

ANEXO 1 – Tradução integral da música La Bruja

La Bruja Salma Hayek



¡Ay qué bonito es volar!
Ah, como é bonito voar!
A las dos de la mañana
Às duas horas da manhã
A las dos de la mañana
Às duas horas da manhã
Y ¡ay qué bonito es volar!, ay
mamá.
E como é belo voar!,
ah,mamãe.

Volar y dejarse caer
Voar e se deixar cair
En los brazos de tu hermana
Nos braços de sua irmã.
En los brazos de tu hermana
Nos braços de sua irmã.

Y hasta quisiera llorar
E até queria chorar.

Me agarra la bruja,

A bruxa me agarra
Me lleva al cuartel,
Me leva ao quartel
Me vuelve maceta,
Me faz vaso de flor
Me da de comer
Me dá de comer.

Me agarra la bruja,
A bruxa me agarra
Me lleva al cerrito,
Me leva à colina
Me sienta en sus piernas,
Me senta em suas pernas,
Me da de besitos.
Me dá beijos.

¿Ay dígame ay dígame ay
dígame usted
Me diga, me diga, você.
¿Cuántas criaturitas se ha chupado
usted?

**Quantas criaturinhas
você já chupou.**
Ninguna, ninguna, ninguna no ve
**Nehuma, nenhuma, você
não vê?**
Que ando en pretensiones de
chuparme a usted
**Que pretendo chupar
você.**

Y ahora sí maldita bruja
**Agora sim, maldita
bruxa.**
Ya te chupastes a mi hijo
Você já chupou meu filho
Ya te chupastes a mi hijo
Você já chupou meu filho
Y ahora sí maldita bruja
**Agora sim, maldita
bruxa.**

Y ahora le vas a chupar
E agora você vai chupar
Y a tu marido el ombligo
O umbigo de seu marido
Y a tu marido el ombligo
O umbigo de seu marido
Y ahora le vas a chupar
E agora você vai chupar

Me agarra la bruja,
A bruxa me agarra
Me lleva a su casa,
Me leva a sua casa
Me vuelve maceta,
Me faz vaso
Y una calabaza
E uma abóbora.

Me agarra la bruja,
A bruxa me agarra
Me lleve al cerrito,
Leva-me à colina
Me sienta en sus piernas,

Senta-me em suas pernas,
Me da de besitos

Ay dígame ay dígame ay
dígame usted
Díga-me, díga-me.
¿Cuántas criaturitas se ha chupado
usted?
**Quantas criaturinhas
você já chupou.**
Ninguna, ninguna, ninguna no ve
**Nehuma, nenhuma, você
não vê?**
Que ando en pretensiones de
chuparme a usted
**Que pretendo chupar
você.**

Recebido em 03/03/2016.
Aprovado em 11/03/2016.